

## MEMÓRIAS DE TRABALHOS E DE VIVER: CULTURA E NATUREZA NA INSULARIDADE DE BELÉM-PA NA ATUALIDADE

João Marcelo Barbosa Dergan\*

Era 14 de fevereiro de 2006, aproximadamente às 9:30 da manhã, Maria Célia, conhecida como Nena, estava aguardando na Associação das Ilhas de Belém junto com familiares, amigos e outras pessoas, para a cerimônia de entrega do título de cessão de uso da terra, do local que vive, organizada pela Gerência Regional de Patrimônio da União, na qual estariam (e estiveram) representantes de diversos órgãos governamentais, como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA, Ministério Público do Pará e o próprio Gerente da União, Sr Newton Miranda. Na cerimônia, Nena lembra e fala do momento em que construíram os primeiros centros comunitários das ilhas, e os principais desejos, sonhos e necessidades para viver melhor. Lembra dos tempos em que trabalhavam para supostos ‘donos das terras’ e a importância daquele momento para as suas vidas e afirma categoricamente que ainda que tenha muita coisa para melhorar, está se vivendo um outro tempo, tempo ‘de parcerias’ e novas possibilidades.

Assim, apresentamos possibilidades de pesquisa do tempo presente na vida dos homens e mulheres das ilhas de Belém, como possibilidade de entender esse ‘tempo de associação’. Interessa-nos aqui apresentar algumas parcerias realizadas pelos ilhéus com órgãos governamentais e empresas no final do XX, início do XXI, e alguns questionamentos fundamentais e fundantes sobre essas parcerias, mas alertamos o leitor de que nossas análises ficaram centradas na relação cultura e natureza e a importância do tempo na pesquisa.

### **1- Belém e as ilhas:**

A cidade de Belém tem a singularidade de águas e de 43 ilhas (SEGEP, 2010) na sua composição espacial/territorial, pois está situada no estuário guajarinense que é parte integrante do estuário amazônico. A vida é intensa entre a cidade e as ilhas; estas são fontes de parte de suprimento para cidade tanto como fornecedoras de alimentos (açai, farinha, frutas e peixes) como de outros materiais destinados a construção civil e produção de cerâmica. Também, são áreas de expansão urbanística como possibilidade de crescimento da cidade e que muitas vezes pode haver conflitos de interesses na ocupação dos espaços (com destaque para

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, E-mail: mdergan@ufpa.br.



Caratateua). Por sua vez, os serviços ofertados pela cidade são intensamente usados pelos homens, mulheres e crianças das ilhas, que a ela se dirigem para escoar a produção, fazer compras, ir ao médico, frequentar a rede escolar e utilizar outros serviços.

As inter-relações sociais, mais especificamente as relações de trabalhos e usos dos tempos que homens e mulheres das ilhas de Belém estabelecem com a natureza, com enfoque para a construção das associações e centros comunitários, dos tipos de trabalhos que realizam para garantir a sobrevivência, da possibilidade de turismo e da parceria com empresas 'selo verde', são consideradas aqui e constitui-se nosso interesse principal de pesquisa, que apresentamos algumas possibilidades, questionamentos e inquietações.

Percebe-se também que, começam a se delinear aspectos da gestão insular estabelecidas por órgãos governamentais e algumas ilhas são transformadas em área de proteção ambiental normatizando a exploração dos recursos naturais, surgem projetos relacionados a trabalho, como unidades de encauchados, como turismo, projetos relacionados ao direito a propriedade, entre outros. Nas ilhas, a partir de 1980 há organização de centros comunitários, a criação da associação das ilhas de Belém, que a partir de 2007 configurou-se associada ao Centro Nacional de Extrativistas. Há, portanto, possibilidades de complexidades de relações dos diversos sujeitos das ilhas de Belém-Pa entre si e com a continentalidade da cidade, que foram construídas historicamente e que se constitui no que se vive no presente.

## **2- A gestão insular de Belém e o processo identitário dos ilhéus:**

A gestão insular de Belém estabelece-se através do diálogo dos saberes entre as comunidades e as instituições como Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA, Gerência Regional de Patrimônio da União-GRPU, Museu Paraense Emílio Goeldi-MPEG e aparecem contradições inegáveis no próprio processo de construção de gestão entre os diversos interesses, como os das comunidades, os das Instituições, os legais e os científicos, mas a relação das comunidades das ilhas com os órgãos de governo são fundamentais na garantia de direitos que interferem diretamente nas relações materiais e simbólicas com a natureza, como o direito de propriedade, que consideramos que interferem diretamente nas atividades de sobrevivência de homens e mulheres das ilhas.

Em fevereiro de 2006 a Gerência Regional de Patrimônio da União-GRPU entregou a cessão de uso da terra aos homens e mulheres que moram e vivem nas ilhas sul de Belém, como Combu, Murutucu e Grande, pois houve momentos em que realizaram a exploração de palmeiras de açaí, considerada a atividade fundamental de sobrevivência dos ilhéus para supostos 'donos' da terra, como para a empresa Palmazon, na década de 80 do século XX,

para comercialização de palmito. As titulações de posses e propriedades dos terrenos influenciam no tipo de extrativismo e na forma de se relacionar com a natureza. Desta maneira, partimos do pressuposto fundamental de que quando se sentem ou são ‘donos’ dos espaços, realizam um tipo de extrativismo e de cuidados e de relação material e simbólica com a natureza diferentes de quando ‘não são’ ou não se sentem proprietários.

Há concepções diferentes para os espaços insulares da cidade, para os diversos sujeitos: para os que vivem nestes locais e para os que apenas visitam, que se baseiam nas suas concepções de vida, analisadas sob a relação cultura e natureza. Estas concepções estão relacionadas às realidades materiais e simbólicas das sociedades, que se inter relacionam com as diversidades heterogêneas nos diversos aspectos: econômicos, sociais, científicos, políticos.

As concepções assumem características específicas nos vários momentos históricos, ou seja, a insularidade da cidade toma aspectos ora como paraíso ora como estranho, dependendo do contexto histórico e do olhar do sujeito nas teias das relações na modernidade.

Diegues (1997) nos informa dos muitos momentos em que as ilhas são representadas, ora como imagem do paraíso, do sonho, do refúgio, ora como imagem da degeneração, da decadência e do inferno.

“Os arredores de Belém são excelentes opções de lazer, além de boa fonte de conhecimento sobre a região. No roteiro turístico podem estar as Ilhas do Combu, Cotijuba, Acará, entre outras” (Revista Pará Onde, 2000).

“A ilha de Cotijuba fica localizada a cerca de uma hora do Centro de Belém. Empresas especializadas fazem passeio a Ilha” (Revista Amazônia, 1999).

Surgem novos elementos turísticos, como passeios das empresas de turismo, e na ilha de Cotijuba, que desde a década de 80, há construções de redes de pousadas e hotéis, na qual há mudança em como utilizam os seus tempos de vidas e de trabalho, ao surgirem os empreendimentos turísticos, ocorridos principalmente a partir da década de 80 do século XX, pois, consideramos que vêm a terra, os rios, igarapés, furos, como recursos primeiros de sobrevivência e identificação.

Mas há um tempo de lazer, ou tempo livre, para os homes e mulheres das ilhas? E os tempos livres e de lazer dos que procuram as ilhas como divertimento, turismo, e fugere urban da cidade? Esses tempos são vivências expressas na atualidade que nos interessam entrever, ou deve estar presente na escrita da história da insularidade da cidade de Belém, pois que as ilhas nos interessam por dentro de quem vive e mora nela, mas também por dentro de quem vive apenas alguns momentos nela, não mora nela, e esses tempos se encontram e se cruzam

nas praias da ilha de Cotijuba, por exemplo, um encontro visivelmente imediato, do ‘tempo curto’, mas que pode nos revelar tempos invisíveis na dialética das durações para um pesquisador descuidado, ou talvez que não se entrecruze as sensibilidades do tempo (CORBIN, 1998), para perceber que os espaços não são vazios, incluindo a praia, mas repletos de sensações e sentimentos culturalmente construídos.

Na gestão insular estabelecidas por órgãos governamentais, algumas ilhas são transformadas em área de proteção ambiental ou reservas extrativistas normatizando a exploração dos recursos naturais, como a Área de Proteção Ambiental da Ilha do Combu, criada por meio da Lei Estadual nº: 6083, de 13 de novembro de 1997 e a procuradoria do INCRA participou da elaboração do Termo de Cooperação assinado pela autarquia e a Secretaria de Patrimônio da União, que destinou as ilhas de Belém e áreas de várzea de domínio da União para fins de reforma agrária, na qual foi criada a reserva extrativista da ilha Grande em Belém, em 2006 (INCRA, 2010).

Nos últimos anos, vêm se imbricando novas demandas para as atividades de trabalho, como o extrativismo do açaí, em função da regulação ocorrida principalmente através do Ministério Público do Estado do Pará, que realiza o Termo de Compromisso de Ajustamento de Conduta, datado de 27 de junho de 2007, na qual uma das exigências é “1.2- As COMPROMISSÁRIAS comprometem-se a comercializar somente a matéria-prima que for acondicionada em engradados de plástico, denominados de basquetas”, não podendo mais utilizar rasas, feitas artesanalmente utilizando as folhas de ‘guarumã’ pelas mulheres das ilhas, e também dos novos interesses de mercado, pois no ano de 2004, uma empresa da área de alimentos, tenta regularizar a propriedade, com a finalidade de exploração de açaí para produção de alimentos e energéticos. A empresa de alimentos se vê impossibilitada de regularizar o território e a partir de então, tenta realizar ‘parcerias’ com as comunidades, para compra-venda do açaí extraído das ilhas.

Nas ilhas, a partir de 1980 há organização de centros comunitários e a criação da associação das ilhas de Belém, que reúne representantes das várias ilhas de Belém e encaminha solicitações, reivindicações e projetos às esferas públicas. Esta integração ocorreu, por exemplo, na época de realização do I WORKSHOP das Ilhas de Belém, promovido pela Prefeitura de Belém em 1997. Reuniu setenta representantes e 42 Instituições. Foram realizadas discussões sobre a importância da elaboração dos planos diretores específicos para cada ilha, bem como realização do plano de desenvolvimento das mesmas, pois apenas as ilhas de Mosqueiro e Outeiro possuíam planos diretores, mesmo assim elaborados em um único documento.

A Associação das Ilhas de Belém, a partir de 2007 configurou-se associada ao Centro Nacional de Extrativistas, inserindo-se em associação reconhecida de direito agrário, talvez como possibilidade de garantir direitos.

“Hoje a Associação tem no Centro Nacional de Extrativistas o nosso principal parceiro; junto a ele a Associação discutiu e já conseguiu criar PAE. Outras ações em conjunto: Oficinas educativas do Projeto a Bagagem das Mulheres da Floresta, e etc” (CODEM, Relatório, 1997).

Há, portanto, possibilidades de complexidades de relações dos diversos sujeitos das ilhas de Belém-Pa entre si e com a continentalidade da cidade, e principalmente, as relações materiais e simbólicas que se estabelecem com a natureza que se alteram diante deste cenário, que foram construídas historicamente e que se constitui no que se vive no presente, que podem servir também como formas de se identificarem ao criarem suas associações.

Em 2002, foi criado o Movimento de Mulheres das Ilhas de Belém, que hoje é uma Associação na qual participam aproximadamente 200 pessoas, entre homens e mulheres das ilhas de Belém, entre as quais Ilha Nova, Uruboca, das Onças, Paquetá, Jutuba, Combu, na ilha de Cotijuba,

O MMIB foi fundado em 1998, na ilha de Cotijuba por algumas mulheres que faziam parte da APIC - Associação de Produtores da Ilha de Cotijuba. Dentro desta associação as mulheres iniciaram um grupo que era denominado GMAPIC. Em 2002 funda o MMIB, inicia uma parceria com a empresa Natura - para a comercialização da Priprioca (semente aromática), onde trabalham hoje 35 famílias. Entre os vários parceiros do MMIB estão: o Instituto Peabiru, a Mapinguari Design, o FMAP, o GMB, as empresas Natura e Beraca. MMIB é estendido também a jovens ligados ao movimento: são filhos, sobrinhos e “agregados” que hoje frequentam a entidade. (ATA do MMIB, 18/08/2008)

Na Associação realizam as principais atividades que são a agricultura familiar orgânica, o beneficiamento de sementes (açai, principalmente), e a comercialização de sementes (andiroba, pracaxi, ucuuba), para as empresas e ONGS, como o Instituto Peabiru, a empresa Beraca, a loja Mapinguari Design, a empresa Natura, que realizam parcerias e investimentos na associação.

Ilhas com Liderança- Iniciado em novembro de 2006, com duração total de 96 horas e destinado a atender 30 pessoas, o Curso de Formação de Lideranças coordenado pelo Instituto Peabiru e realizado na sede da associação do Movimento das Mulheres das Ilhas de Belém – MMIB, na ilha de Cotijuba, dá continuidade às suas atividades em 2007. Até o final de abril o ciclo de palestras e oficinas será concluído, encerrando assim mais uma etapa dos projetos do Peabiru e investimentos da Natura na região.(PEABIRU Boletim, 2007).

Interesses diversos e de vários aspectos parecem se apresentar de maneira mais presente nas últimas décadas do século XX e principalmente na primeira década do XXI, na qual organizações não governamentais e empresas apresentam projetos relacionados a trabalho, entre outros, realizando ‘parcerias’ com as associações e organizações das ilhas de Belém, havendo aceitação, negação e adaptação as ‘novas’ formas de relações estabelecidas.

### **3- A parcerias e Associações com empresas ‘selo verde’: o tempo de proteção imbricado ao tempo atual:**

Principalmente nas três últimas décadas do XX e início do XXI as críticas e propostas para uma maneira de entender, conceber e utilizar a natureza ganham enfoque ambientalista, algumas empresas entram no mercado com a marca do ‘selo verde’, estabelecendo parcerias com as ‘comunidades ditas tradicionais’, como atesta uma das revistas de negócios de circulação nacional,

Princípio Ativo: Como uma velha empresa química de São Paulo conquistou a confiança dos povos da floresta e se tornou a maior fornecedora de óleos amazônicos para a cosmética internacional, com selo verde (...) Visualize a cena. Milão no final do inverno europeu. Num evento paralelo à In-Cosmetics, maior e mais glamourosa feira de produtos de beleza, gigantes da cosmética discutem transparência na cadeia de abastecimento de matérias-primas. De um lado da mesa, Michel Phillippe, vice-coordenador da L’Oreal, uma multinacional francesa com faturamento de US\$ 19,5 bilhões. De outro, Pascal Bordat, VP da igualmente francesa e globalizada Estée Lauder, com receitas anuais de US\$ 7,8 bilhões. Entre eles, Filipe Sabará, um brasileiro de 27 anos, diretor de negócios da Beraca, um fabricante de insumos para cosméticos à base de frutos da Amazônia (...)A Beraca é a maior fornecedora internacional de óleos e ingredientes derivados de frutos amazônicos e fornece para praticamente todas as grandes empresas que já entraram na onda dos cosméticos naturais e orgânicos, com selo verde, e seu faturamento cresceu 33% nos últimos três anos, e chegou a R\$110 milhões em 2010. (Revista Época Negócios N 53, Editora Globo, Edição Julho de 2011).

A empresa citada na revista acima realiza parceria com os sujeitos das associações das ilhas de Belém, pois “as sementes são levadas à fábrica da Beraca<sup>1</sup>, em Ananindeua (PA), e são despejadas todas em uma prensa para extração do óleo utilizado em produtos que vão ser feitos para cuidar da pele.

Os homens e mulheres das ilhas de Belém adaptam, negam e muitas vezes refazem as relações existentes com a ‘novas’ demandas em curso, na qual os elementos do passado se mesclam com elementos novos para se apresentarem na atualidade, tanto para as relações sociais materiais e simbólicas com a natureza, como para a construção de suas associações em processo identitário.



Assim, são elaboradas e reelaboradas as novas dinâmicas em curso na atualidade pelos sujeitos que vivem e moram nas ilhas de Belém-Pa, na qual refazem, ou negam estas novas possibilidades, significam e ressignificam estas mudanças ao estabelecer suas próprias relações de sobrevivência, na qual há as mudanças e permanências na relação com a natureza e entre si.

“as culturas devem ser encaradas como se fazendo ativamente: ativa e continuamente (...) Parte desse fazer-se é reprodução, reprodução e inovação, tradição na reprodução em ação” (WILLIAMS, 1989, p. 198).

Interessou-nos perceber e compreender como se dão essas parcerias com os sujeitos das ilhas de Belém, como os sujeitos das ilhas adaptam, negam ou refazem as relações existentes com a ‘novas’ demandas em curso, que elementos do passado e que elementos novos mesclam para se apresentarem na atualidade, tanto para as relações sociais materiais e simbólicas com a natureza, como para a construção de suas associações em processo identitário, pois compreendemos e reiteramos que os interesses e propostas da atualidade devem ser percebidos pelos sujeitos ativos de suas vidas, que podem haver diferenças, na forma de desenvolvimento adotado e pretendido pelos sujeitos das ilhas, que é uma preocupação a ser percebida.

Nos periódicos abaixo, os leitores podem ter a idéia da forma de desenvolvimento adotada, na atualidade, pelo poder público, para os espaços considerados rurais, neste caso as ilhas de Belém, onde a entrada de energia elétrica é considerada necessária, gerando desenvolvimento, qualidade de vida, enfim, inserindo esses espaços na modernidade.

”Energia para o desenvolvimento: a eletrificação de Cotijuba veio como a realização de um sonho, melhora a qualidade de vida, proporcionando mais conforto, contribue para o desenvolvimento das atividades econômicas da comunidade local, do turismo à pesca”(Jornal Diário do Pará, 2005).

”Luz no Campo: Desde 2000 a Celpa vem realizando o programa luz no campo, (...) que tem como principal objetivo levar energia elétrica a comunidades rurais, fomentando o desenvolvimento econômico e social dessas localidades”(Jornal o Liberal, 2005).

Na contemporaneidade é sinônimo de desenvolvimento, no caso de Belém, as regiões das ilhas, a inserção da energia elétrica nas mesmas, do turismo e da parcerias com empresas, na qual os sujeitos manifestam preocupações quanto à forma de implementação.

Dona Angélica fala com tristeza ao se referir a regiões como Santa Maria e Santa Quitéria, onde “o trator saiu derrubando tudo, cupuaçu...” mas em seguida a fisionomia muda, visto que a derrubada era necessária para a chegada da luz elétrica, que mudou a paisagem,



“hoje eu quero que tu veja, ta tudo lindo”. (...) Agora ta bom pra nós. Só falta a luz” (Dona Angélica Quaresma, 79 anos. Entrevista realizada em 10/10/2005).

Expressam a necessidade da implementação de instalação que levem energia elétrica para as ilhas. Consideram, portanto, a modernidade como necessária, mas refletem sobre as conseqüências e preocupam-se com os impactos decorrentes do processo.

Era preciso ter. Era não, é né?, e o problema é como vai fazer, não sei (...) se tivesse como fazer assim pelo subsolo, por debaixo, mas é importante mas o problema é que se fosse só tipo um caminho, mas parece que pra manutenção tem que ser tipo uma estrada mais larga, então também é mais difícil, porque como? vai ter que derrubar a mata? Não dá né! Não sei, mas deve ter uma solução, não tem esse projeto luz no campo, que ta acontecendo.( Izete Quaresma, moradora do Combu. Entrevista realizada em 11/11/2005).

E nos dizem das expectativas e mudanças na atualidade na realização de parcerias de trabalho com a empresa Beraca e Natura, “meu filho vai lá, eles querem parecisque uma parte da venda, dita como é por eles né, mas ainda não to certo de tá aqui não (...) temos que ver se é bom mesmo né, (...) se vale a pena né (...) de como fazem, porque dinheiro é bom né, nos precisa sempre pra viver, como todo mundo, mas então aqui nos moramos, vivemos, então tem que pensar e ver bem né...” (Seu João, 66 anos, morador da ilha de Cotijuba. Entrevista realizada em 11/09/2011).

Através da memória podemos reconhecer o cotidiano e, ao mesmo tempo, despertar estranhamento na reflexão como rearticulam o passado ao presente, como nas parcerias com as empresas e de forma a explicá-lo, narrá-lo, como natural, refletindo sobre o mesmo, dialogando entre a memória voluntária e involuntária, pois ambas as memórias, “a que imagina e aquela que repete, vão lado a lado e se apóiam mutuamente” (SEIXAS, 2001, p. 45).

Esta forma de historicização da memória, a torna não apenas como reconstrução, apropriação ou manipulação do passado, ou memória-informação, mas também como memória-conhecimento, pois consideramos que

a memória é portanto algo que ‘atravessa’, que ‘vence obstáculos’, que ‘emerge’, que irrompe: os sentimentos associados a este percurso são ambíguos, mas estão sempre presentes. Não há memória involuntária que não venha carregada de afetividade e, ainda que a integralidade do passado possa estar (grifo nosso) irremediavelmente perdida, aquilo que retorna vem inteiro, íntegro porque com suas tonalidades emocionais e charme afetivo (SEIXAS, 2001, p. 47).

E acrescentamos que pode servir mais para agir, do que simplesmente informar, portanto, construir conhecimento, refazer o passado/presente, fazer história.





Seu Plácido, morador da beira do rio Guamá, nos informou que alguns espaços da ilha devem ser, digamos, ‘ocupados’ e ‘usados’, observados os horários. É a influência das simbologias na utilização dos espaços da ilha.

(...) porque não é bom não, o mato chora, os bicho pega (...) hoje eu pego só pra beber né, meus filho já pega, vende também, os cacuar também, e já o açaí mais no verão, açaí do inverno dá até bem, mas dá menos (...) Pega de manhã, tarde e noitinha agente toma (...) mas uma vez eu fui, não sei o que foi, se curupira, se os mato mesmo, mas eu fui já tarde, era pra vender, mais (...) fiquei oito dias doente, com muita febre, com dor no corpo(...) (.Seu Plácido Magno Rosa , 83 anos. Entrevista realizada em 09/02/ 2006).

A adaptação das espécies aos horários em que realizam o extrativismo é realizada também em função de suas simbologias, inseridas nas experiências que vivenciaram no cotidiano. Então, os terrenos e os tempos/horários de exploração das espécies vegetais, como o açaí, são condicionados pelos aspectos materiais e também simbólicos, imbricados uns nos outros.

Intentamos a necessidade de descobrir como foram sendo construídos os valores e atitudes em relação à natureza pelos sujeitos das ilhas, pois “para entender tais sentimentos atuais devemos retornar a um período anterior, importante na formação dessas características” (THOMAS, 1983, p. 27), mas priorizando e levando em consideração a temporalidade relacionada a memória social e coletiva articuladas e manipuladas para a produção e reprodução desses sujeitos. Interessou-nos compreender como os sujeitos das ilhas de Belém significam e resignificam suas tradições inseridas na contradição da própria modernidade na atualidade.

Um impacto eu acho que é a percepção do potencial em recursos naturais que a gente não sabia que tinha. E hoje nos preocupamos com a coleta para comercializar e também como vamos fazer para preservar estas áreas de coleta. Ainda falando de impactos. Existem as exigências de um contrato. Mesmo que ele seja informal, traz uma responsabilidade muito grande para a associação. Por exemplo, mesmo que a empresa ligue e diga olha, eu quero 500 quilos de fruto, a nossa associação se organiza de uma forma muito rígida para cumprir esse contrato na data que foi afirmada. Isso faz com que a gente se una e trabalhe mais de forma correta para atingir o nosso objetivo. Que tipos de modificações podem ser realizadas para aperfeiçoar o acordo? Uma coisa que foi falada ontem, que a gente ainda não tinha percebido dentro da associação: os objetivos da empresa em relação à comunidade. Então, a gente sempre se perguntou no início: se o nosso contrato é com a Beraca, porque que a Natura é tão aqui dentro? A certificação da própria não vai só para a própria, ela se estende ao quintal e à produção de cada produtor. Então, muitos produtores nossos vendem frutas, hortaliças e toda essa produção é certificada, paga pela Natura. Isso abriu um novo caminho pra gente (Relatório do Seminário Relações entre Empresas e Comunidades na Amazônia Brasileira: Reflexões e Propostas, 2009).



Não utilizamos os contratos e parcerias estabelecidos entre as empresas e a associação das ilhas de Belém somente como mostra extrínseca de uma mudança de tempo de trabalho nas ilhas, mas percebemos as nuances, sentimentos, vivências cotidianas, para os homens e mulheres das ilhas, pois o tempo embutido no documento do contrato não revela essas detalhes significativos importantes, ou como nos diz ARIES (1989) e os tempos são vividos e também psicológicos, portanto. Percebe-se expresso para os lhéus a preocupação com o prazo estabelecido pelo contrato, assim esta preocupação pode expressar as diferenças entre o que as pessoas vivem cotidianamente em seus costumes e as exigências como vivência de um outro tempo, que talvez não deem conta, e que tenham que se reorganizar para tal feito, mas como se dá a reorganização e quais são esses costumes de vivência do tempo nas ilhas, deve ser pensado com o cuidado de compreensão desses tempos múltiplos, do tempo cotidiano da ilha e o tempo imediato do contrato de trabalho com a empresa, pois o que pode nos dizer de seu tempo de vida a preocupação expressa em dar conta do prazo estabelecido no 'novo' contrato de trabalho?

Ou seja, a história precisa transformar a preocupação em tempo explicativo na narrativa, uma vez que faz parte da vida dos sujeitos-objeto de estudo principal de nossa pesquisa, pois como possibilidade de pesquisa, podemos dizer que os homens e mulheres envolvidos nas parcerias com as empresas, embora não sejam quantitativamente a maioria dos sujeitos das ilhas, expressam outros tempos, pois que outras preocupações e sentimentos em seus cotidianos, preocupações que não existiam antes das parcerias, e portanto os contratos com as empresas e os sentimentos que eles causam nos homens e mulheres das ilhas, são nosso foco de interesse, pois percebe-se que contratos e sentimentos estão imbricadamente entrelaçados, ou há tempos sentidos presentes no tempo de contratos assinados.

Mas não devemos ser inocentes escritores do afã da vida insular como sinônimo somente de vida harmônica com a natureza, ou de apenas existir uma geohistória das ilhas em perfeita harmonia natural, mas sim nela tempo múltiplos de vida, como nos alerta BRAUDEL (2002), pois se há um sentimento de preocupação entre os envolvidos nas parcerias, há também uma escolha e um sentimento, entrelaçado a esta escolha, de dever de cumprir e se envolver com as atividades estabelecidas com os 'novos' contratos, que faz parte das opções de escolhas que se apresentam como ligadas a sustentabilidade ambiental, também construídas historicamente, refazendo possivelmente os tempos de vida, ou seja, utilizando o tempo diferentemente da maneira como utilizavam para as atividades que realizam, o que deverá ser aprofundado e observado na pesquisa.

Quando analisamos os aspectos do passado reelaborados, ou ressignificados, ou adaptados, negados, ou reafirmados, ou mesclados com as novas experiências do presente através das parcerias dos homens e mulheres das ilhas em associação, com as empresas como natura, para comercialização de sementes, devemos ter o cuidado com o anacronismo, para não desviarmos e afirmarmos os valores, sentimentos e concepções de tempo vivido hoje, para o passado, ou ao estabelecermos a análise, para comparar a cotidianidade de trabalho nas ilhas antes e depois dos contratos com as empresas, ter o cuidado para não estabelecer os valores do presente para julgar o passado, mas uma possibilidade de através das representações do tempo presente estabelecer um diálogo comparativo, mais como forma de entendimento explicativo presente na narrativa e escrita histórica ou na utilização da linguagem metafórica explicativa, do que propriamente um julgamento do presente no passado no devir da pesquisa, o que seria um anacronismo incorreto, como bem definiu LORAUX (1992), e que ainda que seja para compreender a diversidade de sentimentos e denominações que o povo grego estabelecia para se definir, e se diferenciar, na idade antiga, serve de estrato possibilístico na compreensão do entrecruzamento de tempos na nossa pesquisa.

CORBIN (2008) nos informa dos trabalhadores do final do XIX na França que recusam a usar os trajes de proteção como representação da sua autonomia no mundo do trabalho, ‘desacartando’ tudo que não considerava prático ao seu corpo, pois o corpo é então o lugar do operário do XIX onde exerce o poder sobre si, assim “a defesa do gesto profissional aparece, da mesma forma que o controle do tempo de trabalho, uma manifestação de autonomia” (CORBIN, 2008, p. 328), então é importante percebermos na pesquisa que muitas negações, respostas, ou falta de adaptações aos contratos estabelecidos com as empresas, podem, ao invés de serem considerados como a não aceitação do contrato, mas sim como ao aceitar o contrato, serem o espaço que encontram da autonomia, dentro da própria parceria, pois o pesquisador deve estar atento a análise para não silenciar ou disdizer o que as práticas cotidianas e as representações dos ilhéus estão a conceber, mostrar e dizer, pois “os costumes, os hábitos de trabalho, a ostentação do saber-fazer, incitam ao não respeito pelos regulamentos da fábrica (...)” (CORBIN, 2008, p. 327), o que nos sugere potencializar nosso olhar sensível para questões de como realizavam as atividades antes das parcerias, como passaram a realiza-las, observando as mudanças e como explicam essas mudanças, pois, junto a essas questões, há uma informação, orientação ou ‘modus de organização’ de trabalho sugerido pela empresa, mesmo que indiretamente, talvez como modelo de outras parcerias que a empresa realiza ou realizou e que esta considera importante e de ‘sucesso’ e que talvez

exerça influência sobre a parceria com as Associação das ilhas de Belém, nosso foco principal.

Processam nas suas vidas aos novos valores e realidades de mercado, e a reconstrução de práticas que já estavam presentes nas suas vidas, peculiares, digamos, a uma economia moral, pois elaboram e reelaboram as condições em que se encontram com as novas demandas em curso, uma vez que utilizam, negam ou adequam aspectos do passado a realidade presente ao estabelecerem parcerias com empresas, pois percebemos que os elementos culturais não só se dão de maneira estáveis, mas na dinamicidade das relações construídas, pois

Na maior parte das sociedades complexas, podemos fazer diferenciações sociológicas fundamentais, definindo não só um conjunto de relações e interesses sociais existente estável, mas também alguns desses conjuntos como dinâmicos. Assim, embora tenhamos necessidade de definir algumas relações mais ou menos estáveis (...) temos também que ver muitas dessas relações em suas formas dinâmicas (...), temos, pois, que distinguir entre o residual, o dominante e o emergente (WILLIAMS, 1992, p. 201).

Processam estas mudanças entre talvez a economia de mercado e a economia de subsistência ou ‘economia moral’, na qual elementos do passado, presentes na memória, ou elementos ‘residuais’, combinam, negam ou mesclam com o mercado ‘dominante’, uma vez que “um elemento residual cultural fica, habitualmente, a certa distância da cultura dominante efetiva, mas certa parte dela, certa versão dele, em especial se o resíduo vem de alguma área importante do passado, terá na maioria dos casos, sido incorporada (...)”(WILLIAMS, 1976, p. 125).

Os enfrentamentos se dão entre os elementos residuais do passado, que estão presentes nestas ‘novas’ relações, para não cair no reducionismo econômico que transforma “esta criatura social infinitamente complexa em uma outra que ‘golpeia espasmodicamente suas mãos no estomago e responde a estímulos econômicos elementares” (THOMPSON, 1987, p. 18).

Portanto, percebe-se ‘a natureza’ dentro das vidas, relações e memórias dos sujeitos das ilhas de Belém-Pa.

Consideramos como possibilidades de pesquisa que as políticas oficiais de governo representam os sujeitos insulares como completamente rurais e os projetos relacionados aos espaços insulares são realizados como tentativa de inseri-los como urbano, portanto vem se constituindo ao longo do tempo, projetos para os espaços e sujeitos insulares que os representam na contradição e exclusão entre rural e urbano, entre natureza e cultura, que tem relação com a construção científica dessas categorias baseadas na ciência tradicional, portanto, há um entrecruzamento nas relações sociais de produção e reprodução desses

sujeitos, uma simbiose entre rural e urbano, natureza e cultura, que as políticas públicas não dão conta e há contradições entre as políticas e as experiências dos sujeitos, como regularização e termos de ajustes para coleta e extrativismo utilizados para suas produção e reprodução, através de consumo e comercialização nos portos da parte continental da cidade de Belém-Pa.

Acrescentamos também como possibilidade de pesquisa que os próprios sujeitos vêm se constituindo e significando suas identidades, com o surgimento das organizações que constroem, como centros comunitários, associações e ao estabelecerem as parcerias com as empresas, na possibilidade de se mostrarem sujeitos com garantias de direitos, no limite da significação passado-presente, na memória manipulada entre rural e urbano, inserindo-se nas associações reconhecidas de direito agrário como o Centro Nacional de Extrativistas.

Imiscuímos a travessia de Nena, que citamos no início do artigo, da ilha de Cotijuba para Belém com uma conversa informal que possibilitou, afirmar com voz eloquente “agora é tempo da associação, como tudo, temos que vê ate onde vamos e até onde não vamos(...) vai depender mais de nós(...)vamos vê se esses perfumes nos dá boa coisa”, encerrada com riso aberto, para ressaltar que as parcerias da Associação das Ilhas de Belém com a empresa “Natura”, para comercialização de sementes, apresenta-se como uma possibilidade da atualidade do ‘tempo da associação’, ao conceber a natureza ‘in vitro’ para perfumes, e que estão participando, mas que não depende somente da empresa, e também não somente da vontade individual enquanto associada.

Após chegarmos a Belém, fomos a uma exposição de fotografia intitulada “Reconstruindo Rumo a um Futuro Melhor: Região Nordeste do Japão”, no dia 10 de março de 2012, na qual fotografias japonesas mostram os locais atingidos pelo terremoto de 11 de março de 2011 e também a reconstrução dos lugares, ao observar as fotos, fomos surpreendidos especificamente com uma intitulada a Ilha de ....., neste momento, conversamos sobre como visualizamos as ilhas, ‘de lá e de cá’, no dizer de Marlene, e como foi e é representada a insularidade da cidade de Belém, mas que torna-se assunto para um outro tempo, do nosso tempo...

### **Referências Bibliográficas**

- ARIÈS, Philippe. **O tempo da história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- BAUMAN, Zygmunt: **Modernidade e Ambivalência**. RJ. Jorge Zahar Editor, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. Geohistoria: la sociedad, espacio y el tiempo. **Las ambiciones de la historia**. Barcelona: Crítica, 2002.

CORBIN, Alain. **O Território do Vazio: A Praia e o Imaginário Ocidental**. SP. Cia. Das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **História do Corpo: Da Revolução a Grande Guerra**. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2008.

DIEGUES, A Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 1997.

GIDDENS, **As consequências da modernidade**. SP. UNESP, 1991.

LORAUX, Nicole. **Elogio do anacronismo**. In: NOVAES, Adauto. (org.). Tempo e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.57-70.

NORBERT, Fenzl e MACAHO, José Alberto Da Costa. **A Sustentabilidade de Sistemas Complexos: conceitos básicos para uma ciência do desenvolvimento sustentável – aspectos teóricos e práticos**. Ed. NUMA-UFPA, 2009.

SEIXAS, Jacy. Percursos de Memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). **Memória e (Res) sentimento: Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 2001.(p. 37-58).

THOMAS, Keith. **O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de Atitude em Relação às Plantas e aos Animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

THOMPSON, E.P. **A Formação da Classe operária inglesa**, 3 vols. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1976.

\_\_\_\_\_. **O Campo e a Cidade na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

## Notas

---

<sup>1</sup> A empresa Beraca têm unidades na França, no Brasil, nos estados de São Paulo, Goiás, Pernambuco, Ceará e Pará, sendo a unidade de Ananindeua localizada na Rodovia BR-316, Km. 08, s-n, quadra 3 lote 3, na qual visitamos em 22 de setembro de 2011.